

## Crise do Capital e discurso da quaçificação: implicações no contexto da escola

Francisca Maurilene do Carmo<sup>1</sup>

O capitalismo a partir do início da década de 1970 vem atravessando uma crise estrutural, na qual os sinais mais evidentes foram a queda decrescente da taxa de lucros, a crise do Estado do bem-estar social e dos seus mecanismos de funcionamento, assim como o esgotamento do padrão taylorista/fordista de produção. Como resposta do capital à crise, várias transformações vem acontecendo, sendo uma delas de importância central, que diz respeito as transformações no processo de produção do capital e suas repercussões no processo de trabalho. O esgotamento do padrão produtivo taylorista e fordista fez emergir novas formas de produção que tinham o objetivo de responder à crise financeira. Isto porque essas novas formas teriam como principal característica aumentar a produção sem aumentar o número de trabalhadores. Dentro desse quadro de crise, o capital passa a intensificar as transformações no processo produtivo, introduzindo no centro da produção novas tecnologias, que passam a constituir as formas de acumulação flexível, que despontam como modelos alternativos ao taylorismo/fordismo. "...a automação, a robótica e a microeletrônica possibilitaram uma revolução tecnológica de enorme intensidade. O taylorismo e o fordismo já não são únicos, convivendo no processo produtivo do capital, com o "toyotismo", o "modelo sueco", entre outras. Tais mudanças têm conseqüências diretas

-----  
<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará-UFC. Pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário-IMO. Email: fmcmaura@hotmail.com.

no mundo do trabalho”<sup>2</sup>. Essa revolução tecnológica abordada por Antunes vai afetar diretamente o trabalhador, exigindo dele, um tipo de saber adequado aos novos modelos de formação. É importante destacar que as determinações dessas mudanças vão afetar diretamente a materialidade e a subjetividade da classe trabalhadora, havendo nesse sentido uma grande redução do proletariado fabril estável do taylorismo/fordismo, assim como o surgimento de um novo tipo de proletariado que exerça com mais empenho suas dimensões intelectuais. As transformações proporcionadas pelo avanço tecnológico ao processo produtivo, passaram a exigir segundo Ramos<sup>3</sup>, uma massa de conhecimentos e atitudes bastante diferenciadas das qualificações formais requeridas pelas organizações de trabalho de tipo taylorista/fordista. Nessa perspectiva passa a ser gestado um novo perfil de trabalhador que possa atender as exigências da fase atual do capital. Esse novo perfil valoriza significativamente a subjetividade e os saberes tácitos dos trabalhadores. Tanto que passa a existir um discurso de formação muito forte, onde são dadas especiais ênfases aos atributos pessoais, potencialidades, desejos e valores dos trabalhadores. Essa ênfase se dá principalmente pelo fato dos novos modelos de produção lidarem com processos integrados, onde a falha em apenas um dos setores compromete todo o sistema de produção, necessitando dessa forma de um novo tipo de trabalhador que seja capaz de usar sua sensibilidade e atributos pessoais para identificar e resolver os problemas e os imprevistos da produção. Convém lembrar segundo Gentili<sup>4</sup>, que não se trata apenas da reorganização do processo produtivo, através da criação de uma nova ordem econômica e política, mas também da criação de uma nova ordem cultural, onde o discurso de formação do novo perfil de trabalhador vai necessitar de outros espaços de divulgação que vão além do chão da fábrica. Entre esses espaços a escola vai atuar como local privilegiado estando ligada às exigências do capital, reforçando de forma dissimulada as características necessárias ao novo perfil de trabalhador. É importante destacar de acordo com Saviani<sup>5</sup> que as relações entre educação e política são con-

2 Ricardo Antunes, *Adeus ao trabalho?: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho*. 8 ed. São Paulo, Cortez, 2002. p. 149.

3 Marise Nogueira Ramos. *A pedagogia das Competências: Autonomia ou Adaptação?* São Paulo, Cortez, 2001. p. 36.

4 Pablo Gentili. *Pedagogia da Exclusão: Crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis, Vozes, 1995. p. 232.

5 Dermeval Saviani. *Escola e Democracia*. 29 Ed. Campinas, Autores Associados, 1995, p. 95.

dicionadas historicamente e que precisam ser adequadamente compreendidas enquanto manifestações sociais determinadas. A escola nessa perspectiva não assume um caráter neutro, pois ao longo da sua história esteve associada aos interesses do sistema capitalista de produção. No entanto precisamos ficar atentos para as formas de organização que a escola vem assumindo com o objetivo de atender aos interesses do capital. Isso porque desde de 1980 um amplo movimento vem invadindo o cenário educacional tornando-se a nova ortodoxia em questões educacionais. Esse movimento do qual estamos falando trata-se do construtivismo que vem compondo fortemente o discurso educacional contemporâneo e que segundo Miranda<sup>6</sup>, vem desvirtuado de uma análise mais profunda a cerca dos seus reais propósitos. O construtivismo enquanto proposta educacional seria uma ruptura com os modelos tradicionais de ensino que só contribuíram para a formação de um sujeito passivo. Tanto que essa nova proposta se diz defensora da formação de seres ativos e conscientes do seu próprio processo de construção do conhecimento, já que os teóricos dessa corrente defendem que o saber se constrói a partir da interação do sujeito com o seu meio, sendo o sujeito o grande responsável por todo o processo. É importante destacar que a forma como o construtivismo compreende o processo de construção do saber estaria ajudando na formação de seres críticos, autônomos, flexíveis e aberto às mudanças. Segundo Rossler<sup>7</sup> o ideário que compõe o referencial construtivista não se trata de nenhuma novidade, pois de acordo com esse autor as bases epistemológicas do construtivismo tem muitos elementos de aproximação com o movimento escolanovista. Nesse contexto podemos nos questionar porque os ideais construtivistas que já existiam na Escola Nova, em meados de 1920, vêm ressurgir nesse momento com tanta força. Miranda<sup>8</sup> nos fala da hipótese da concepção de inteligência adotada pelo construtivismo ser consoante com a concepção de inteligência adotada pelo momento atual do capital. "...esses aspectos normatizados e justificados pela prática pedagógica correspondem aos padrões de socialização e formação intelectual exigidos pela sociedade contemporânea no atual estágio do capitalismo ... O construtivismo, ao que tudo indica viria

6 Marília G. Miranda. "Pedagogias Psicológicas e Reforma Educacional". In: *Sobre o construtivismo: contribuições a uma análise crítica*. Campinas, Autores Associados, 2000. p. 25.

7 João H. Rossler. Construtivismo e alienação: as origens do poder de atração do ideário construtivista. In: *Sobre o construtivismo: contribuições a uma análise crítica*. Campinas, Autores Associados, 2000. p. 43.

8 Idem, p. 30.

corresponder a essa nova realidade”. O construtivismo estaria nesse momento atendendo as determinações impostas pelo capital através do discurso de formação do novo perfil de trabalhador, onde a escola vem atuando em consonância com as exigências desse perfil, através do discurso construtivista de formação do sujeito. Duarte<sup>9</sup> faz algumas considerações desse assunto. “o movimento construtivista que no Brasil, tornou-se um grande modismo a partir de 1980, vem defendendo princípios pedagógicos muito próximos aos do movimento escolanovista. Mas o construtivismo não deve ser visto como um fenômeno isolado ou desvinculado do contexto mundial das duas últimas décadas. Tal movimento ganha força justamente no interior do aguçamento do processo de mundialização do capital”. A forma como o construtivismo passou a dominar o discurso em educação precisa ser explicitado. Precisamos entender com mais clareza os determinantes que fizeram o discurso construtivista de acordo com Miranda<sup>10</sup> tornar-se amplamente adotado, em todo país, pelas redes de ensino pública e privada, principalmente nesse momento onde as mudanças nos perfis profissionais e nas organizações de trabalho demandam um novo tipo de trabalhador que possa dar conta do atual estágio de racionalidade técnico-científica da produção, que tem como base elementos que envolvem a automação, a robótica e a microeletrônica. Essas novas formas produtivas que vem estreitamente articulada com o desenvolvimento tecnológico passam a requerer um trabalhador mais flexível e aberto às mudanças e não mais aquele regido pelo cronômetro e a produção em série e de massa do período taylorista/fordista, que por conta de sua formação parcelar e fragmentada não teria condições de dar conta do atual processo produtivo. É importante destacar que esse discurso de formação do novo perfil de trabalhador em consonância com o discurso de formação do sujeito construtivista vem sendo legitimado nos próprios documentos oficiais sobre educação. Afirimo isso porque uma parte do texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>11</sup> confirma essa relação entre os dois discursos. “Não basta visar a capacitação dos estudantes para futuras habilitações em termos das especializações tradicionais, mas antes trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua

9 Newton Duarte. *Vigotski e o “Aprender a Aprender”*: Crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 30.



10 Idem, p. 24.

11 Brasil. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Introdução. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 34.

capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e demandam um novo tipo de profissional, preparado para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos”. Precisamos questionar as reais causas que fizeram o discurso do PCN estar todo pautado na ótica construtivista, para não adotarmos uma postura ingênua que percebe tal proposta como salvacionista dentro de um cenário educacional ultrapassado por modelos fracassados. Segundo Duarte<sup>12</sup> é necessário que compreendamos que o lema “aprender a aprender” tão difundido no ideário construtivista desempenha um importante papel de adequação do discurso pedagógico contemporâneo às necessidades do processo de mundialização do capital. Um ponto que merece destaque por ser comum tanto ao discurso de formação do novo perfil de trabalhador quanto ao discurso de formação do sujeito construtivista é a ênfase excessiva que vem sendo dada ao indivíduo. Nesse sentido passa haver uma grande transferência da responsabilidade de formação para o trabalhador, assim como para o educando. A comprovação dessa afirmação parte da realidade atual, onde o próprio trabalhador precisa estar qualificando-se e desenvolvendo suas competências para que possa na fase atual do capital estar empregável. Algo semelhante acontece no plano educacional quando o construtivismo afirma ser o sujeito o responsável pelo seu processo de construção do conhecimento. A percepção do sujeito como único responsável pela sua formação é fruto de uma visão irracionalista e fragmentada da realidade, traços característicos do pensamento pós-moderno, que rejeita e procura romper com qualquer possibilidade de captação do sentido da totalidade do real e da história. Pensar dessa forma é desconsiderar de acordo com Marx<sup>13</sup> que o desenvolvimento universal das forças produtivas influem diretamente na determinação dos homens empiricamente universais. A percepção do conhecimento como algo que é construído individualmente aparece com o objetivo de ocultar as reais formas de dominação que são impostas pelo capitalismo, que nesse estágio atual vem através do pós-modernismo transferir para o indivíduo determinações que são mais amplas, pois dependem das formas de como as relações de produção estão organizadas na sociedade. Considerando as mudanças que têm afetado as formas de produção e as propostas educacionais que

-----  
12 Idem, p. 56.

13 K. Marx & F. Engels, *Textos sobre Educação e Ensino*. 2 ed. São Paulo, Editora Moraes, 1992. p. 18.



direcionam o processo educativo na escola, percebemos haver um conjunto de semelhanças entre o discurso do novo perfil de trabalhador e o discurso construtivista de formação do sujeito, merecendo dessa forma uma análise crítica para que possamos entender com clareza o fenômeno do construtivismo que tem se colocado como saída para os problemas educacionais. É necessário que esclareçamos os verdadeiros fins de práticas e propostas pedagógicas que de forma ilusória se sobrepõem ao capital, fazendo o homem, acreditar-se capaz de libertar-se através da educação num contexto que é marcado e determinado pelo capital, pois segundo Marx<sup>14</sup> “cada novo estágio na divisão de trabalho determina igualmente as relações entre os indivíduos no que toca a matéria, aos instrumentos e aos produtos do trabalho”. Compreender as relações entre trabalho e educação é fundamental importância, para que possamos ver com clareza que discursos que trazem uma aura de autonomia e libertação, estão verdadeiramente marcados pela lógica desumana do capital.

<sup>14</sup> Idem, p. 16.